

O TEMPO E A MEMÓRIA

UM INCANSÁVEL TRABALHADOR

por Mário Soares

Morreu, na quinta feira passada, depois de longa doença, Joel Serrão. Professor, historiador do século XIX, sociólogo, intelectual e grande conhecedor da literatura portuguesa, Joel Serrão foi, acima de tudo, um incansável trabalhador das letras, um homem probo e bom. Foi também sempre um anti-salazarista, aberto às ideias novas e com uma consciência crítica muito aguda, na linha de António Sérgio, Jaime Cortesão, Raul Proença e dos "seareiros", da revista republicana de esquerda, Seara Nova.

Conheci Joel Serrão quando entrei, aos dezassete anos, no ano lectivo de 1941/42, na Faculdade de Letras de Lisboa (para Histórico-Filosóficas), estaria ele a um ou dois anos de acabar o curso na mesma Faculdade. Dirigia então, com Rui Grácio, de quem fui também muito amigo, um pequeno jornal, de que fui assinante e de que conservo ainda alguns números, Horizonte.

Joel, nascido na Madeira, era um jovem sorridente, afável, jovial e sempre apressado por causa do que tinha a fazer. Suponho que dava explicações a alunos liceais para se manter a estudar. Destacou-se, no entanto, como aluno brilhante, estudioso e superiormente dotado. Mas dadas as suas ideias e as suas companhias, o activo grupo anti-fascista, como se dizia então, da Faculdade de Letras, em plena guerra mundial e quando o seu desenlace ainda era duvidoso nem sequer lhe passava pela cabeça, creio eu, vir a ser Professor da Faculdade. Nessa época, o regime estava ultra-fechado e as Universidades (de Lisboa, Coimbra e Porto, as únicas que existiam) sujeitas a vigilância constante e a depurações frequentes. Logo no meu primeiro ano foi demitido, com grande escândalo dos alunos, Vitorino Magalhães Godinho - para nós uma referência e um grande professor - e, apesar dos nossos protestos, teve que arranjar uma bolsa em França, onde foi acolhido de braços abertos pelo Grupo dos Annales, criado pelos grandes historiadores e resistentes Marc Bloch e Lucien Febvre, dirigido então por Fernand Braudel.

Depois de terminarmos a vida universitária - e eu terei sido dos últimos a fazê-lo, por causa das sucessivas prisões pela PIDE - chegámos a criar, com a ajuda do Instituto Francês, em Lisboa, um grupo de jovens investigadores de história onde participaram além dos já atrás citados, Joel Serrão e Rui Grácio, Jorge de Macedo, Barradas de Carvalho, Margarida Brandão, entre alguns outros.

Joel Serrão deixou uma obra considerável, que foi escrevendo, com rara lucidez e informação, nos intervalos da sua absorvente actividade de professor liceal e de explicador. Entre outras, cito de memória: "Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues"; "O Carácter Social da Revolução de 1383"; "Em torno da economia madeirense"; "Para a História do Século XIX português"; "Sampaio Bruno. O homem e o pensamento"; "Liberalismo, Socialismo, Republicanismo

- antologia do pensamento político português"; "Portugueses Somos"; "Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal"; "Fontes de Demografia Portuguesa"; "Antero e a Ruína do seu Programa (1871-1875)"; "Temas de Cultura Portuguesa", 2 vols.; "Da Regeneração à República"; "Temas Oitocentistas", 2 vols.; "Cesário Verde"; "O primeiro Fradique Mendes". Além disso, coordenou o importantíssimo "Dicionário de História de Portugal", 4 vols., de que tive a honra de ser colaborador, que seria há alguns anos continuado por António Barreto e Filomena Mónica, e ainda duas Antologias Filosóficas, para uso escolar.

Durante anos a fio foi professor liceal - um excelente pedagogo, por sinal - que marcou muitas centenas de alunos. Sem deixar de estar presente em jornais e revistas de cultura. Só depois do 25 de Abril foi, finalmente, professor universitário. Num período delicado que atravessou a Fundação Gulbenkian e que coincidiu com o PREC, foi escolhido e nomeado, justíssimamente, administrador da referida Fundação, onde prestou relevantíssimos serviços.

Joel Serrão foi toda a sua longa vida um professor exemplar, um homem de enorme cultura, que sempre teimou em a pôr ao serviço dos outros, desinteressadamente. Fez muitos amigos com o seu espírito dialogante e conciliador e foi sempre uma pessoa por todos respeitada e admirada. Um grande intelectual e um grande português.

Lisboa, 11 de Março de 2008